

Resenha: Suma Etnológica Brasileira

Emmanuel Duarte ALMADA

Kaipora – Laboratório de Estudos Bioculturais, Departamento de Ciências Biológicas, Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Ibitiré.
emmanuel.almada@uemg.br

Submitted: 12/02/2018; Accepted: 04/03/2018

Ribeiro, Darcy (1987) *Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Volume 1. Etnobiologia. 303p., 2. Edição, Ed. Vozes/FINEP, Petrópolis, 1987.*

Algumas obras são fundamentais para a compreensão histórica da constituição dos diversos campos de conhecimento. A publicação da Suma Etnológica Brasileira é um fato representativo de um momento importante de consolidação da etnobiologia e etnoecologia brasileiras na década de 1980. Ao lado de outras obras como *Hanucoo agriculture* (Conklin 1957) e *Footprints of the forest* (Balée 1994), a coletânea de trabalhos do Tomo I da Suma, dedicado à Etnobiologia influenciou gerações de pesquisadores(as) e continua sendo uma importante referência nos estudos das reações cultura e natureza na América Latina.

Editada por Darcy Ribeiro e coordenada por Berta Ribeiro, a Suma Etnológica Brasileira, originou-se da tradução de artigos selecionados do *Handbook of South American Indians*, publicado entre 1945 e 1950, organizado por Julian H. Steward, obra essencial para os estudos etnológicos. A publicação do *Handbook* corresponde a um esforço da corrente da Ecologia Cultural, liderada por Steward, de compreender o papel do ambiente na conformação dos sistemas culturais das sociedades indígenas sul-americanas. O plano geral da *Suma* previa sete volumes, sendo que apenas os três primeiros chegaram a ser publicados: I. Etnobiologia, II. Tecnologia Indígena e III. Arte Índia, além dos volumes não publicados IV. Etnologia comparada, V. Línguas indígenas, VI. Etnohistória e VII. Arqueologia brasileira. A primeira edição do volume dedicado à Etnobiologia foi publicada em 1985, pela Editora Vozes, num momento em que as obras em língua portuguesa sobre etnobiologia e etnoecologia eram praticamente inexistentes. O volume I – Etnobiologia, conta com tradução de capítulos dos volumes V e VI do *Handbook*, além de contribuições originais de pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

A introdução de Darrel Posey, *Etnobiologia: teoria e prática*, situa a obra no campo dos estudos etnobiológicos, ainda em constituição naquele momento. Ao apresentar as diversas áreas de interesse da etnobiologia, o autor também aborda os aspectos éticos e metodológicos envolvidos nas pesquisas de campo. Um elemento importante da prática etnobiológica abordada por Posey é a abertura necessária do(a) pesquisador(a) à epistemologia e cosmologias indígenas, as quais podem conduzir a investigação para caminhos não previstos inicialmente. Indispensável para aqueles que pretendem ingressar neste campo de pesquisa a extensa obra de Posey retoma por diversas vezes o tema da ética e do papel da etnobiologia e dos saberes tradicionais para a construção de alternativas aos modos de pensar e conhecer da modernidade ocidental.

A obra está dividida em duas partes: estudos de etnobotânica (11 capítulos) e Estudos e de Etnozootologia (4 capítulos). Essa assimetria reflete, de alguma maneira, a predominância, ainda atual, dos estudos sobre o papel das plantas nos sistemas culturais em relação aos demais componentes do ecossistema. Todavia, diversos capítulos também abordam aspectos etnoecológicos do conhecimento indígena. Outro aspecto relevante da obra é a formação acadêmica dos autores. Dos treze autores, apenas quatro são da área biológica, havendo ainda um geógrafo e oito antropólogos. Este dado seria



irrelevante se considerássemos que se trata de uma obra etnológica. Entretanto, esse quadro se distancia da realidade atual da etnobiologia e etnoecologia brasileiras, composta majoritariamente por pesquisadores(as) do campo da biologia.

O capítulo 1 – *O uso das plantas silvestres da América do Sul Tropical*, de autoria de nada menos que Claude Lévi-Strauss, fornece um cenário geral do uso de espécies vegetais nativas pelas diversas etnias do continente. Além de uma descrição das diversas espécies, formas e técnicas de uso e preparo, Lévi-Strauss apresenta um importante debate sobre o papel das plantas cultivadas e silvestres e sua relação com as diferentes bases econômicas e modos de vida das culturas indígenas. Os padrões de uso das espécies vegetais são situados nas relações entre processos históricos e ecológicos. A universalidade das práticas agrícolas, tanto em ambientes savânicos como florestais, é defendida pelo autor, salientando que a rudimentariedade das práticas de cultivo em algumas culturas pode ser explicada mais por fatores históricos e migratórios. Ao mesmo tempo, salienta a importância da exploração e uso das espécies silvestres mesmo em sistemas culturais com práticas agrícolas bem desenvolvidas. A maior parte do capítulo destina-se à descrição das espécies e seus usos por diferentes grupos indígenas, indicando ainda a abrangência territorial em que a espécie é utilizada.

Em *Uso do Solo e Classificação da Floresta (Kuikúro)* (capítulo 2), Robert Carneiro nos apresenta a classificação indígena Kuikúro das diferentes formações florestais e savânicas no alto Xingu. Após descrever as diferentes nomenclaturas e usos dos ecossistemas, o autor apresenta uma extensa lista de arbóreas reconhecidas pelos Kuikuro. Descreve também as diferentes metodologias utilizadas para o levantamento do conhecimento taxonômico sobre as espécies entre os indígenas, baseadas até mesmo na identificação de folhas coletadas na serrapilheira da floresta. De forma mais breve, Carneiro situa as espécies arbóreas na cosmologia e nas redes de sociabilidade Kuikúro, explicitando a fragilidade do uso acrítico das categorias natureza e cultura nos estudos etnobiológicos e etnoecológicos.

Carl Sauer, baseado em relatos de viagens de cronistas, dados arqueológicos e estudos sobre sistemas agrícolas e botânicos, busca compreender as espécies cultivadas na América do Sul como “artefatos vivos, testemunho das origens das culturas americanas e da sua difusão”. O capítulo 3 - *As plantas cultivadas na América do Sul Tropical*, contribui não apenas para a compreensão do continente sul-americano como um importante centro de domesticação de espécies vegetais, como também para estabelecer as relações históricas e culturais entre as terras baixas da América do Sul e outros centros de agrobiodiversidade. Abordando as principais espécies e formas de vida que compõem os sistemas agrícolas indígenas sul-americanos, Sauer nos conduz a uma viagem espaço-temporal pela memória biocultural do continente. A geografia da diversidade biocultural traçada pelo autor pode ser inspiradora para uma etnobiologia capaz de estabelecer relações entre diacronia e sincronia.

Os capítulos 4 e 5 apresentam relatos mais breves de usos de plantas pelos indígenas sul-americanos. No capítulo 4 – *Borracha. Entre casca de árvore*, Alfred Métraux relata os usos do látex de diferentes espécies por grupos indígenas sul-americanos, bem como sua disseminação nos mercados mundiais. Em seguida, são apresentados os usos e técnicas de preparação de entrecasca de várias espécies de árvores, destinadas desde a confecção de vestuário, com destaque para os indígenas da região do Alto Amazonas e Bolívia Oriental. No capítulo 5 – *Venenos de Pesca*, Robert Heizer defende a tese de uma distribuição universal do uso de plantas como venenos de pesca em todo o território sul-americano, com registro de mais de uma centena de espécies para esta finalidade. Alega ainda que, contrariando as afirmações de outros estudos da época, a universalidade desta prática na região e a elevada riqueza de espécies cultivadas, o uso de venenos de pesca possui uma significativa profundidade histórica no continente. Interessante notar que muitas espécies utilizadas como veneno são de fato cultivadas e apresentam diferentes graus de domesticação.

John Cooper em *Estimulantes e narcóticos* (capítulo 6), descreve as principais espécies ou gêneros de plantas utilizadas pelos indígenas na América do Sul, destacando-se informações sobre o tabaco, rapés, bebidas alcoólicas, mate, cacau, coca e os gêneros *Paullinia* e *Banisteriopsis*. Além da descrição das técnicas de uso, artefatos e aspectos cosmológicos das espécies, o capítulo fornece informações sobre a área de abrangência do uso das mesmas. Como se observa em capítulos anteriores, as relações entre processos históricos, especialmente o encontro com a cultura ocidental, são considerados para compreender o atual cenário de uso das espécies pelos diferentes grupos indígenas do continente.

No capítulo 7 – *Etnobotânica de algumas tribos amazônicas*, Ghilleen Prance, um dos mais renomados etnobotânicos da região tropical, apresenta uma rica descrição de espécies de fungos e plantas utilizadas por grupos indígenas na Amazônia. Talvez por sua formação botânica, Prance tende a apresentar dados mais detalhados sobre propriedades farmacológicas das espécies descritas, bem como enfatizar em alguns momentos aspectos taxonômicos e as relações filogenéticas entre espécies. Como salientado pelo autor, os trabalhos etnobotânicos na região (relativamente pouco numerosos naquele momento, considerando-se que já se passaram três décadas) demonstram a elevada porcentagem de espécies nativas utilizadas pelos povos indígenas amazônicos.

Os usos de plantas nos sistemas de saúde indígenas são tratados no capítulo 8 – *Etnofarmacologia de algumas tribos brasileiras*, de Elaine Elisabetsky. O capítulo discorre sobre diversos aspectos teóricos e metodológicos das pesquisas etnofarmacológicas de plantas alucinógenas e medicinais utilizadas pelos povos indígenas. A autora também aborda as diferenças de concepção e classificação das doenças entre os Kaiapó em relação à medicina ocidental. O campo da etnofarmacologia talvez seja aquele, dentre as etnociências, que melhor representa os dilemas éticos nos quais estamos envolvidos enquanto pesquisadores(as), tais como aqueles referentes aos regimes de propriedade intelectual. O trabalho de Elisabetsky insere-se em um debate que ganhou corpo ao longo dos anos de 1990 até os dias atuais. A biopirataria, que cresceu vertiginosamente desde a década em que a Suma foi publicada, implica em sérios desafios éticos para a etnobiologia. Não se trata apenas de buscar a repartição justa dos benefícios oriundos das pesquisas etnofarmacológicas, mas antes, da imposição, ainda que velada, dos interesses do capital e a colonização da vida dos povos indígenas.

Os capítulos 9 – *Os cultivares de mandioca na área do Uaupés (Tukano)*, de Janet Chernela e capítulo 10 – *Agricultura e seleções genéticas de plantas*, de Warwick Kerr, tratam dos sistemas agrícolas indígenas e de seus mecanismos de seleção e geração de diversidade genética. Chernela apresenta seus trabalhos pioneiros sobre o manejo indígena e agrobiodiversidade de mandiocas no médio Uaupés. Ao elucidar o papel das alianças matrimoniais entre grupos sociais na diversificação da mandioca, os trabalhos de Chernela tornaram-se uma referência importante nos estudos sobre agrobiodiversidade. O registro de 137 variedades de mandioca entre os Tukano e Makú, paralelamente a estudos realizados por outros autores naquele período, pôs em evidência o papel daquela região como centro de diversidade desta espécie. Este e outros estudos lançaram as bases para o reconhecimento do Sistema Agrícola do Alto Rio Negro como Patrimônio Imaterial pelo IPHAN em 2010.

Com destaque para os Kayapo, Kerr descreve os sistemas e saberes indígenas amazônicos sobre a seleção genética de plantas nativas. Impressiona, nos relatos do autor, a diversidade de árvores frutíferas manejadas pelas etnias indígenas, havendo também diferentes graus de domesticação das espécies. É interessante notar que um dos ilustres informantes de Kerr é o índio Desaña Luiz Gomes Lana (Tōrāmũ Kêhíri), que junto com Firmino Arantes Lana (Umusí Pārōkumu), escreveram a belíssima obra sobre a cosmogonia de seu povo: *Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos Desana-Kêhíripõrã* (1995).

Darrell Posey, em *Manejo da floresta secundária, capoeiras, campos e cerrado (Kayapó)* (capítulo 11) apresenta parte dos seus clássicos trabalhos sobre o manejo ecossistêmico indígena. Trata-se de um dos primeiros trabalhos de etnoecologia do Cerrado, poucos anos depois publicado de forma completa em *Kayapó ethnoecology and culture* (Posey, 2002). Neste capítulo, Posey descreve o complexo e diversificado sistema de manejo do Cerrado entre os Kayapó, desde as capoeiras aos quintais. São descritos também as classificações indígenas das diferentes formações florestais e savânicas, bem como o papel do gênero nos diferentes cultivos e os efeitos do manejo indígena na paisagem e nos padrões de distribuição das espécies.

Iniciando a parte II do volume, destinada aos estudos etnozoológicos, Raymond Gilmoren apresenta um panorama geral das relações entre a fauna e os povos indígenas e não indígenas na América do Sul. *Fauna e etnozologia da América do Sul Tropical* (capítulo 12) é dedicado a uma longa descrição das principais espécies (em sua maioria nativas) utilizadas pelas populações indígenas da região. Também são fornecidas informações gerais sobre o estado de conservação das espécies, seus usos e métodos de captura.

No capítulo 13 – *Pesca e hierarquização tribal no Alto Uaupés*, Janet Chernela, partindo de uma abordagem regional nos estudos de ecologia humana, mais uma vez aborda o papel dos sistemas de parentesco na circulação de recursos - neste caso, os peixes - entre grupos sociais e o papel deste sistema na manutenção da população geral que habita a região. O estudo apresentado, embora seja

extrapolado como modelo para todo o alto Uapés, foi conduzido junto aos Wanâna. São descritas as técnicas de pesca, os ciclos hidrológicos, locais de pesca, bem como os ciclos e comportamentos reprodutivos das espécies utilizadas por essa etnia. Por fim, a autora apresenta dados extremamente interessantes sobre a diferença de acesso a recursos de acordo com a posição hierárquica que determinado grupo ocupa. Grupos hierarquicamente superiores tendem a controlar áreas próximas a cachoeiras e igapós, habitats com maior abundância de peixes. Por outro lado, os grupos assumem obrigações referentes à doação e auxílio a grupos subordinados.

Em *Etnoentomologia de tribos indígenas da Amazônia* (capítulo 14), Darrel Posey nos brinda com uma rica revisão dos registros do papel dos insetos nas culturas indígenas amazônicas. São abordados aspectos referentes a alimentação, controle de pragas, etnotaxonomia e usos medicinais. Grande parte do capítulo é destinada à descrição do manejo de abelhas sem ferrão pelos Kayapó. Esta seção impressiona pela riqueza do conhecimento indígena sobre a ecologia e classificação das espécies manejadas. Por fim, Posey aborda o papel dos insetos na cosmologia Kayapó, como “modelos naturais” e também como agentes essenciais na constituição do mundo indígena.

Finalizando a obra, o capítulo 15 – *Ecologia e cultura: algumas comparações* apresenta as reflexões de George Cerqueira Leite Zarur sobre as relações entre abundância relativa de recursos do ambiente e complexidade sociocultural. Para tal, o autor compara as adaptações ecológicas dos povos do alto Xingu e dos grupos macro Jê do Brasil Central. No bojo da perspectiva da Ecologia Cultural, o autor busca compreender de que maneira a disponibilidade de recursos – especialmente protéicos – está associada à organização social de povos indígenas de ambientes savânicos (Jê) e florestais (xinguanos). Após descrever os aspectos ecológicos dos dois grupos, Zarur conclui que ambientes menos diversificados atuam como uma pressão adaptativa para os sistemas culturais, implicando em estruturas sociais mais complexas, baseadas principalmente em estratificação de classes de idades e grupos de descendência. Por outro lado, ambientes mais diversificados confeririam maior liberdade para a organização cultural, a qual resultaria de sua própria lógica interna.

O conjunto dos trabalhos que constituem a *Suma Etnológica Brasileira* podem ser considerados como pertencentes à fase III da etnobiologia na categorização proposta por Hunn (2007), marcada pela busca da aplicação dos saberes indígenas na concepção de modelos de desenvolvimento ecológicamente viáveis como resposta à crise ambiental que se fazia cada vez mais evidente. A proposta da Suma também pode ser compreendida como parte empreitada conduzida por Darcy Ribeiro ao longo de toda sua carreira, na busca da construção de um discurso sobre a formação do país, que resultou um pouco mais tarde na publicação do clássico *O povo brasileiro* (Ribeiro 1995).

Podemos também estabelecer uma conexão entre este volume da *Suma* dedicado a etnobiologia e um projeto apresentado por Darcy Ribeiro, ainda como senador, destinado à constituição de um modelo alternativo para a Amazônia. Nas palavras do próprio Darcy, sete dias antes de sua morte: “*Meu projeto consiste em instalar, em áreas de 5 mil hectares, no meio da floresta, comunidades de 50 famílias. Para ali refazerem as formas de adaptação ecológica que desenvolveram ou herdaram de 10 mil anos de sabedoria indígena.*” (Folha de São Paulo, 10 de fevereiro de 1997).

Vale ainda ressaltar a importância de Berta Ribeiro, companheira de vida e de profissão de Darcy, na edição da *Suma*. Profunda conhecedora da região Amazônica, Berta já havia publicado importantes trabalhos abordando os saberes ecológicos indígenas, especialmente do alto Rio Negro, destacando-se os livros *Os índios das águas pretas* (1995) e o *Dicionário de artesanato indígena* (1988).

A Suma Etnológica Brasileira representa, portanto, um momento fundante da etnobiologia brasileira. Embora parte dos capítulos assumam uma perspectiva ainda funcionalista, é notável que os saberes ecológicos são apresentados sempre no contexto dos sistemas culturais e cosmológicos dos quais são parte. Tendo em vista o atual cenário da etnobiologia e etnoecologia latino-americanas, a leitura da *Suma* nos instiga a investir esforços em pesquisas etnobiológicas e etnoecológicas que contribuam para a compreensão da nossa história e a construção de alternativas à modernidade ocidental, baseadas nas cosmologias que insistem em gerar seus próprios mundos, após mais de quinhentos anos de manutenção do regime de poder e saber colonial.

BIBLIOGRAFIA CITADA:

BALÉE, William L. **Footprints of the forest: Ka'apor ethnobotany-the historical ecology of plant utilization by an Amazonian people.** New York: Columbia University Press, 1994.

CONKLIN, Harold C. **Hanuno agriculture**. A report on an integral system of shifting cultivation in the Philippines. Northford: Elliot's Books, 1957.

HUNN, Eugene. Ethnobiology in four phases. *Journal of Ethnobiology*, Washington, v. 27, p. 1–10, 2007.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **O Sistema Agrícola do Alto Rio Negro: Dossiê de Registro**. Brasília, 2010. Disponível em [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_de_registro O Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_de_registro_O_Sistema_Agricola_Tradicional_do_Rio_Negro.pdf). Acesso em 20 jun. 2018.

KUMU, Umúsin Panlõn; KENHÍRI, Tolamã. **Antes o mundo não existia: a mitologia heróica dos índios Desâna**. 2. ed. São João Batista do Rio Tiquié: FOIRN, 1995.

POSEY, Darrell Addison. **Kayapó ethnoecology and culture**. London: Routledge, 2003.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Darcy. Projeto caboclo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 fev. 1997. Opinião. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/indices/inde1002.htm#opinia>. Acesso em 20 jun. 2018.

RIBEIRO, Darcy. **Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians**. Volume 1. Etnobiologia. 2. ed, Petrópolis: Ed. Vozes/FINEP, 1987.

RIBEIRO, Berta Gleizer. **Os índios das águas pretas: modo de produção e equipamento produtivo**. São Paulo: Edusp, 1995.

RIBEIRO, Berta Gleizer. **Dicionário do artesanato indígena**. São Paulo: Edusp, 1988.

STEWART, Julian Haynes. **Handbook of south american Indians**. New York: Cooper Square Publishers, 1963.